



Isac Antonio Pereira Parente*

RESUMO

O presente artigo intenta evidenciar a influência da civilização greco-romana sobre a estruturação do pensamento cristão nos séculos I-III, com enfoque no papel singular da filosofia grega. Através da Escola Catequética de Alexandria e dos escritos dos seus pensadores, como Clemente e Orígenes, desponta um processo de mediação entre a paideia clássica e a nascente doutrina cristã. Todavia, a construção de uma teologia racional revelou-se dificultosa e até impossível sem que houvesse a incorporação e reinterpretação dos valores culturais e filosóficos do mundo grego. Mas, em Alexandria, a interação entre cristianismo e helenismo não foi unilateral: ao mesmo tempo que o cristianismo se impunha como nova cosmovisão, também assimilava formas e categorias do pensamento greco-romano. Dessa mútua correspondência resultou a formação de uma nova visão de mundo, sustentada por uma paideia cristã que atrelava fé e razão. Assim, a construção do saber teológico nos séculos iniciais desenvolveu-se entre o pensar filosófico alexandrino e a expectativa cristã escatológica.

Palavras-chave: Filosofia. Helenismo. Cristianismo. Alexandria. Escola.

Alejandro como espacio filosófico: la Escuela Catequética y la construcción del pensamiento cristiano antiguo a partir de la Paideia griega

RESUMEN

El presente artículo intenta evidenciar la influencia de la civilización grecorromana en la estructuración del pensamiento cristiano en los siglos I-III, con enfoque en el papel singular de la filosofía griega. A través de la Escuela Catequética de Alejandría y de los escritos de sus pensadores, como Clemente y Orígenes, emerge un proceso de mediación entre la paideia clásica y la naciente doctrina cristiana. Sin embargo, la construcción de una teología racional se reveló difícil, e incluso imposible, sin la incorporación y reinterpetación de los valores culturales y filosóficos del mundo griego. Pero en Alejandría, la interacción entre cristianismo y helenismo no fue unilateral: al tiempo que el cristianismo se imponía como nueva cosmovisión, también asimilaba formas y categorías del pensamiento grecorromano. De esa correspondencia mutua resultó la formación de una nueva visión del mundo, sustentada por una paideia cristiana que unía fe y razón. Así, la construcción del saber teológico en los siglos iniciales se desarrolló entre el pensamiento filosófico alexandrino y la expectativa escatológica cristiana.

Palabras-clave: Filosofía. Helenismo. Cristianismo. Alejandría. Escuela.

Alexandria como espaço filosófico: a Escola Catequética e a construção do pensamento cristão antigo a partir da paideia grega

Introdução

A cidade de Alexandria tornou-se um paradigma de centro comercial e cultural, bem como o cerne da harmonia intelectual entre povos, conhecimentos e tradições religiosas. Através do florescimento da Escola Catequética, teve início ali um decisivo processo de conciliação entre a sabedoria pagã e a fé cristã nascente, movimento que traria consequências perenes ao pensamento ocidental.

Analisar essa intersecção revelará como os pensadores cristãos essenciais, como Clemente de Alexandria e Orígenes, recorreram às categorias e métodos da filosofia grega, em especial do platonismo, para racionalmente fundamentar e justificar as verdades da fé. Tal abordagem não somente proporcionou maior densidade teórica à doutrina cristã, como também contribuiu à formação de uma nova Paideia, capaz de integrar, sem excluir, os valores espirituais e éticos do cristianismo com os recursos intelectuais do erudito mundo antigo.

Nesse cenário, Alexandria destacar-se-á como símbolo de uma transformação civilizacional. Ao reconhecer na educação helenística um meio genuíno de aperfeiçoamento humano, os cristãos adaptaram-na a uma visão teleológica orientada para o divino. A partir deste movimento, despontará uma filosofia cada vez mais cristã que, sem desprezar suas raízes bíblicas, dialogará em dialética com as estruturas do pensamento racional greco-romano.

Alexandria, uma cidade: contexto histórico de sua fundação

Próximo ao delta do Rio Nilo, em meados de 331 a. C., o Imperador Alexandre Magno (356–323 a.C) funda a cidade de Alexandria, que viria a se tornar espaço de convivência para diversos povos. Afora o grandioso comércio marítimo, transitavam ali crenças, culturas e, principalmente, correntes filosóficas. Dentre os numerosos territórios em posse de Roma, Alexandria fora digna de honra se também se considera que naquela região

[...] nasceram, ou passaram, grandes nomes do período helenístico e romano: Euclides, o geômetra; Heron, o inventor de máquinas, Apolônio de Rodes, crítico literário e chefe da grande biblioteca; Aristarco de Sarnotrácia, também chefe da biblioteca, e crítico da Iliada; os três famosos geógrafos e astrônomos: Claudio Ptolomeu, Estrabão, e Eratóstenes de Cirene; Filon, o

filósofo judeu; Galeno, o médico; Amônio Sacas, o platônico, e seu discípulo Plotino (Lupi, 1994, p. 14).

Já no final do século II d.C., Alexandria destacou-se, mais do que qualquer outro local, na estabilização do cristianismo enquanto sistema teológico, incorporando noções, modelos e conceitos de cunho helenístico. Compreender esse instante fundacional possibilita o acesso às bases conceituais que sustentarão o pensamento ocidental até o final da Idade Média (Lupi, 1994). A cidade

[...] acolheu também imigrantes; sua população de origem judaica era tão numerosa que chegou a constituir um terço do total dos habitantes; e motivou tal intercâmbio com o modo de vida grego que levou a primeira tradução da Bíblia a tradução dita dos Setenta, do hebraico para o grego; assim a teologia foi obrigada a repensar-se, mais de dois séculos antes de Cristo, em termos helenísticos, e, o que não é menos importante, no âmbito de uma cultura local altamente evoluída [...] (Lupi, 1994, p. 14).

No mesmo período, serão episódios marcantes ao progresso humano: a oficialização do cristianismo como religião do Império Romano pelo Edito de Tessalônica; a fundação da Cidade de Constantinopla, chamada de “nova Roma”, que repartiu a administração imperial em duas partes e a participação dos cristãos nas classes sociais do Império¹.

Sobretudo após a paz constantiniana, os cristãos de condição social mais elevada frequentavam as escolas helenistas em busca da cultura necessária para participar da vida pública, o que já lhes convinha, bem como para poder enfrentar com armas iguais o paganismo e as heresias no seu interno (Schiller, 2020, p. 2).

Ao alvorecer da religião cristã, o erudito mundo pagão se achava já distante dos tempos áureos, rumando ao declínio². Coisa lamentável se se toma, por exemplo, o sistema de educação grego, pois mais que uma formação básica, a paideia³ era

¹ A divisão histórico-cronológica acima encontra-se no texto do Prof. Me. Pe. Soter Schiller, OSBM. Segundo o autor, alguns fatos apresentaram-se como favorecedores ao estabelecimento do cristianismo no Ocidente e no Oriente. Além de terem contribuído à fundação da Cidade de Alexandria e seu centro de estudos acadêmicos (cf. Schiller, 2020, p. 1).

² De acordo com o historiador argentino Alfredo Sáenz, o declínio da civilização romana aconteceu em paralelo à difusão do cristianismo. A partir do século III, podia ser observado o fenômeno de desintegração do até então inabalável império pagão. (cf. Sáenz, 2020, p. 61-64).

³ Antes de um maior aprofundamento, considere-se que o termo paideia, em grego (παιδεία), é uma concepção complexa, que não deveria ser reduzida ao simples termo pedagogia. Provavelmente, o sentido mais adequado seria o de paideia enquanto sistema ético vinculado à cultura e à literatura. Isto é, a mesma noção que o homem grego atribuía à paideia deve ser visto como um grande conjunto de

compreendida pelos helenos como um contínuo processo formativo no homem, exterior e interiormente, a ser edificado sobre virtudes que lhes aprimorassem a totalidade do ser (Greggersen, 2005).

Até então, os primeiros cristãos não haviam escrito explicitamente sobre o tema da educação, uma vez que ela não era ainda reconhecida como ciência. Entretanto, o ensino lhes constituía preocupação constante, algo inseparável à proposta de construção do novo mundo; mas isso dependeria dos valores fundamentais no ensino e se daria na formação para o respeito e adesão à Fé (Greggersen, 2005).

A rápida difusão do cristianismo e o aprofundamento da sua cultura mediante o contato com a civilização greco-romana do século II do período imperial foram observados com preocupação. [...] a cultura cristã não haveria de parar com as primeiras tentativas (algumas das quais, aliás, já dignas de atenção) da apologética, mas haveria de prosseguir com ímpeto o seu caminho no aprofundamento racional das próprias doutrinas de fé (Moreschini, 2008, p. 107).

Enquanto sistema de pensamento, o helenismo se assemelhava mais a uma questão de cunho intelectual do que étnica, pois na Antiguidade era predominante aderir a determinados padrões culturais (Greggersen, 2005). Da educação e do método de ensino próprios às escolas gregas dos séculos primeiros salienta-se que

O sistema educacional e de ensino no Império Bizantino no século IV era ainda basicamente secular, digamos, pagão. Afora escolas catequéticas (que eram em grande medida teológicas), os cristãos não possuíam nem tinham compreensivelmente criado estabelecimentos próprios de formação intelectual e cultural. Por muito tempo ainda eles frequentariam as mesmas escolas junto com os pagãos e liam os mesmos escritos pagãos (Schiller, 2020, p. 2).

Então, é admissível que os cristãos tenham herdado dos helenos certa concepção de educação, embora sendo-lhes distinta em alguns pontos. Ao mesmo tempo, observando cuidadosamente as divergências entre ambas cosmovisões, os crentes mostravam-se dispostos a redescobrir àquelas inúmeras potencialidades da inteligência pagã (Freitas, 2018).

Consequência desta ressalva, tal como o gradativo afastamento do pensamento mitológico pelos estudantes cristãos, resultou na organização de uma

noções diversas. Para ulteriores consultas, indica-se a obra *Cristianismo Primitivo e Paideia Grega*, do filósofo alemão Werner Jaeger. Obra através da qual recortou-se algumas outras informações.

cultura cristã cada vez mais particular e racionalmente estruturada. Acontecerá uma lenta e não absoluta transmigração da paideia grega para a paideia cristã (Freitas, 2018). Nesse contexto,

[...] a assimilação à Gramática, à Retórica e à Dialética não encontraram grandes dificuldades para se incorporar ao programa cristão, em vista do caráter instrumental destas disciplinas. A exemplo das Filológicas, a Aritmética, a Geometria, a Astronomia e a Música também não foram obstaculizadas, por serem consideradas apropriadas a fazer parte da educação dos cristãos, o que pode ser explicado pelo fato de poucos terem acesso a esses conhecimentos e pela pouca relação dos seus conteúdos com o cristianismo, conteúdos que, por extensão, não poderiam influir na formação e no modelo de vida dos cristãos [...] (Melo, 2018, p. 54).

Recorrendo em grande parte à Filosofia, os cristãos superaram algo do caráter rudimentar da religião. Para atingir tal propósito, serviram-se das categorias base do pensamento filosófico antigo: dos pré-socráticos até Aristóteles, com especial destaque para os textos de Platão (Freitas, 2018).

Ainda, os batizados prezavam por uma valorização da beleza e das artes e pelo estudo dos mestres gregos literários até então mais reconhecidos: Homero, Hesíodo, dentre outros. Em razão do vasto arcabouço intelectual, o cristianismo alcançou a maturidade que lhe permitirá possuir uma erudição completa (Freitas, 2018).

Em termos gerais, no início, “[...] a relação com a Filosofia foi complexa e a sua assimilação dificultada, em virtude da natureza de seus conteúdos, que com frequência se opunham à doutrina cristã” (Melo, 2018, p. 54). Agora tem-se uma formação acadêmica pautada em novos princípios, pois

A paideia cristã parte da ideia de que pela educação nós formamos o homem, pela educação nós constituímos em plenitude a condição humana. A educação na paideia cristã é, então, uma prática social de hominização, de formação do homem para viver na sociedade terrena e celestial. Essa nova paideia consiste, pois, em ampliar a dignidade do homem para o que é atemporal e não espacial, daí a ideia de uma cidade terrena e uma outra divina, na qual o cristão, esse novo homem, participa em coparticipação (Freitas, 2018, p. 304).

Daí que a educação cristã pode ser considerada o primeiro grande sistema universalista de aprendizagem, correspondendo em termos políticos a uma proposta democrática de ensino (Freitas, 2018), pois o cristianismo “[...] ofereceu a sua própria filosofia positiva como base para uma reconciliação entre o mundo antigo e o novo” (Jaegar, 1961 *apud* Vasconcelos, 2018).

A Escola Catequética

Empenhados em apresentar à civilização grega os fundamentos racionais de sua fé, os pensadores cristãos Clemente de Alexandria (150-215 d.C.) e Orígenes (185 - 253 d.C.), respectivamente mestre e discípulo, principiam em seus escritos um sistemático dialógico entre fé cristã e as filosofias gregas (Saranyana, 2016).

Ambos percorreram um caminho de elevadas reflexões, mas seria preciso avançar ainda mais. Orígenes concedera à religião cristã em sua teologia a base espiritual da tradição filosófica grega. Ainda que suas crenças se opunham à retomada das religiões gregas, exigidas com força máxima pelo Estado⁴, não deixou de exibir seu elevado louvor pelo legado cultural da Grécia Antiga (Jaeger, 1961).

Assim sendo, percebe-se uma distinção nítida entre a religião grega e a cultura grega. Essa relação, indubitavelmente fecunda e positiva, em nova forma e nível diferente entre cristianismo e o helenismo, será revitalizada pela Escola de Alexandria, sob uma nova forma e em um nível distinto. “Não é exagero nesse caso falar de uma espécie de neoclassicismo cristão, que é mais que fato puramente formal” (Jaeger, 1961 *apud* Reale, 2017).

Mesmo apontados como os principais fundadores da Escola Catequética de Alexandria⁵, “[...] uma comunidade cristã cuja origem é desconhecida, que deu como fruto o centro mais florescente do pensamento cristão durante o século III [...]” (Saranyana, 2016, p. 54) e “[...] na qual a elaboração da doutrina por meio dos instrumentos da filosofia grega atinge um dos seus pontos mais elevados, até com risco, às vezes, de perder de vista a especificidade cristã [...]” (Moreschini, 2008, p. 107), parece que

[...] a Escola de Alexandria foi fundada em 180 por um estóico siciliano, convertido ao cristianismo na maturidade, chamado Panteno (+ca. 200), que não deixou nada escrito, mas cujos principais ensinamentos foram recolhidos por um jovem ateniense que lhe sucedeu na direção da Escola, chamado Clemente de Alexandria. Com Orígenes, anos depois, alcançou máximo esplendor (Saranyana, 2006, p. 54).

⁴ Pense-se nas tomadas de posição do Imperador Juliano.

⁵ Mesmo com a tese do autor Josep-Ignasi Saranyana, para quem a Escola de Alexandria *parece* ter sido fundada por um tal Panteno (+ca. 200), com Clemente e Orígenes alcançou o cume da excelência. (cf. Saranyana 2006, p. 54). Mais à frente, ver-se-á a citação *ipsis litteris* de Saranyana e a referida ideia.

De fato, “não temos de Panteno senão testemunhos indiretos. Ele parece ter sido o representante mais antigo da escola de Alexandria” (Moreschini, 2008, p. 108). Além disso, agrega-se à descrição da Escola o seguinte: um centro de estudos evolucionados, em uma cidade sede cultural da civilização grega, sustentada na comunidade judaica, impregnada da cultura grega clássica, sob a influência do imenso e tradicional prestígio do Museu, já sem a Magnífica Biblioteca de Alexandria, mas ainda com a biblioteca do Sarapeion, em uma época em que a direção dos estudos se volta mais para o debate filosófico e teológico (Lupi, 1994).

[...] Essa escola catequética (ou seja, escola destinada a ensinar a fé cristã aos pagãos e naturalmente, aos filhos dos cristãos) é conhecida de modo muito claro somente partir de Orígenes; muito menos conhecida é a sua estrutura durante os anos nos quais viveram os mestres anteriores, como Panteno e Clemente; ainda mais obscuro, naturalmente, foi o período anterior, o da difusão do cristianismo na grande metrópole de Alexandria, encruzilhada de culturas e de religiões diferentes (Moreschini, 2008, p. 107).

Usufruindo de alguns costumes civilizacionais helênicos, quais sejam, a busca pela qualidade do discurso racional; o cumprimento das leis cívicas e a valorização das virtudes na formação dos cidadãos, o cristianismo terminava por ceder ao processo de helenização (Vasconcelos, 2018). Embora a civilização helênica

[...] visse o seu fim marcado pelo emergir do cristianismo, foram herdadas por este último, num processo de assunção e não de erradicação, não só a valorização da beleza e das artes, mas também as eruditas categorias do pensar grego e o compromisso quase ascético em favor da ponderação e do equilíbrio pessoais. Talvez apenas ao longo deste processo é que se passou a poder falar efetivamente numa verdadeira cultura cristã, cada vez mais desenvolvida e consolidada (Vasconcelos, 2018, p. 38).

Não obstante, os cristãos conseguiam influenciar a literatura grega da qual eram contemporâneos. Ora, se o cristianismo sofria influência da cultura helenística, o helenismo, por sua vez, passava por um movimento de cristianização (Vasconcelos, 2018). Em direção ao futuro,

[...] o cristianismo se erige [...] como o herdeiro de tudo aquilo que, na tradição grega, parecia digno de sobrevivência. Não só por isso reforça a si mesmo e a sua posição no mundo civil, mas salva e dá vida nova a um patrimônio cultural que, em grande parte, sobretudo nas Escolas retóricas daquele tempo, tornara-se forma vazia e artificial de uma tradição clássica já enrijecida (Jaeger, 1961 *apud* Reale, 2017).

Dessa forma, verificou-se em Alexandria uma aproximação pedagógica mútua⁶ entre o cristianismo primitivo e o paganismo decadente. Consequência disso, os cristãos elaboraram um corpus literário cuja finalidade primeira mostrou-se uma espécie de diálogo com a educação grega; entretanto, depois, importava aos autores cristãos destacar a magnitude da verdade cristã, evidenciando sua dignidade superior em relação ao *logos grego*⁷.

Para o êxito desse desígnio, caberia à Igreja comunicar as verdades da fé através de uma linguagem compreensiva e, a uma só vez, à altura dos cristãos eruditos. Isto posto, era necessário preparar cristãos competentes ao ensino e à pregação da doutrina, ou seja, dados ao esforço intelectual. De tal maneira, dever-se-ia formá-los em uma escola devidamente equiparada, como a de Alexandria (Vasconcelos, 2018).

Dispondo daquela noção grega de educação e enquanto lhe revestia de significação própria, a Escola de Alexandria ofereceu ao mundo seu sistema filosófico de pensamento, bem como difundiu a reconciliação entre o mundo antigo e o mundo nascente, isto é, interpretou o cristianismo em termos da filosofia grega (Jaeger, 1961). Considerando que

Os gregos distinguem educação de formação, dada as especificidades de cada uma. O termo formação geralmente é associado a aprendizagens externas e atitude interior, as quais se manifestam numa forma integral no homem, e que só termina com o término da existência humana (Freitas, 2018 *apud* Bortolini, 2018).

Certamente, sobretudo a partir das conquistas do Imperador Alexandre, o helenismo tornou-se a cultura a impregnar o Ocidente durante muitos séculos. Então, a fim de que o cristianismo nascente superasse a fragilidade dos fiéis mais rudes, na maioria das vezes oriundos da cultura grega, não podia desprezar os métodos pagãos de ensino e seus dinamismos particulares (Lupi, 1994).

[...] a necessária educação era procurada maioritariamente entre os mestres pagãos, e sobrava para os cristãos a tarefa árdua de eliminar o paganismo

⁶ De acordo com o português Miguel Cabedo, a metodologia pagã foi relida através da óptica cristã, dando-lhe nova energia; portanto, preservando a existência de uma cultura helênica (cf. Vasconcelos, 2018, p. 17).

⁷ A fim de um melhor entendimento, a expressão deve ser atrelada ao sentido de vasto conhecimento filosófico em circulação nas escolas pagãs gregas. Nelas, o platonismo e o aristotelismo obtiveram importante atenção. (cf. Vasconcelos, 2018, p. 36).

daquilo que era ensinado nas escolas, e discernir quais os materiais aptos a serem empregados ao serviço de uma paideia que pudesse ser verdadeiramente cristã [...] (Vasconcelos, 2018, p. 42).

Atrelada ao helenismo e por meio dele, a doutrina cristã fez-se capaz de dialogar com as civilizações clássicas. Em suma, os cristãos admiravam o espírito de equilíbrio próprio do pensamento racional grego (Lupi, 1994); todavia, “[...] esta educação entre os pagãos trouxe consigo perigos reais para a fé e para os costumes dos jovens cristãos, uma vez que a vida dos cristãos, mesmo os mais irrepreensíveis, acontecia impregnada de paganismo” (Vasconcelos, 2018, p. 42).

No tocante aos costumes, o perigo tornara-se ainda mais evidente. De fato, a proximidade dos estudantes cristãos com a mitologia poderia gerar prejuízos àqueles mais jovens, particularmente se se leva em conta as narrativas dos escândalos cometidos pelos deuses. Já Platão afirmava categoricamente: “quem é novo não é capaz de distinguir o que é alegórico do que o não é” (Platão, 1983 *apud* Vasconcelos, 2018).

O Filósofo defendia que a base de toda a educação grega estaria fundamentada no impulso do homem no converter-se em um cidadão virtuoso à vida pública, noutras palavras, munido de grande excelência no agir (Freitas, 2018). Daí que tanto a estima pela sabedoria quanto a noção da contemplação oriunda de uma vida filosófica são características gregas almejadas e exaltadas pelas classes cristãs⁸. Por isso, em suma,

[...] a educação permaneceu estruturalmente pagã, ainda que sobre mestres cristãos. E terá contribuído para essa situação um perigo talvez mais sutil, que era a beleza literária, estética e cultural dos clássicos, alegria e tormento dos mestres, cristãos convictos, que também se apraziam incorrigivelmente com o estudo das letras pagãs (Boulenger, 1952, p. 20).

Tamanha fora a expansão dessa nova proposta de educação que, no século IV, a tradição alexandrina alcançou a Capadócia, influenciando diretamente os chamados Padres Capadócius: Basílio de Cesareia (330-379 d.C.), Gregório de Nissa (335-395 d.C.) e Gregório de Nazianzo (329-390 d.C.). Orígenes, considerado o expoente magno da Escola de Alexandria, contribuiu para essa conexão por meio de seu

⁸ Informação extraída da obra *História eclesiástica*, do Historiador Sócrates de Constantinopla (Cf. Socr. H.E. 3, 2005, p. 16).

discípulo Gregório de Taumaturgo (213-270 d.C.), que difundiu seu testamento intelectual à região (Lupi, 1994).

A atividade filosófico-eclesial de Gregório Taumaturgo foi marcada pelo seu empenho em favor da evangelização da Capadócia, de onde era originário, veio por isso a ser o laço que uniu Orígenes aos Padres Capadócius. Estes, por sua vez, seguiam o método exegético-alegórico de Orígenes e nisso se sentiam legitimados por reconhecerem semelhante metodologia no interior da própria Bíblia, intertextualmente, sobretudo no *corpus* paulino. Entendiam assim que toda a Sagrada Escritura poderia e deveria ser perpassada por uma tal exegese, de modo até que os livros históricos do Antigo Testamento fossem encarados, à luz do Espírito Santo, também como concretizações narrativas das grandes verdades éticas e filosóficas (Lupi, 1994, p. 46).

Isto posto, considera-se que a escola alexandrina desempenhou um encargo singular no movimento de conciliação daquelas duas culturas aparentemente contraditórias entre si. Em meio às divergências entre as paideias grega e cristã, o cristianismo nascente encontrou o ambiente propício para sua expansão, e em especial pela intervenção da reflexão filosófica lá concebida (Lupi, 1994).

Princípios filosóficos

Na Escola de Alexandria, a problemática central assentava-se no entendimento de que era admissível encontrar certas verdades nos escritos clássicos de filósofos e poetas gregos. Para além, os alunos cristãos juvenis poderiam terminar por se seduzirem com os textos eruditos, o que talvez implicaria na relativização das Escrituras Sagradas (Vázquez, 1991).

A questão se tornava ainda mais embaraçada quando se intentava negar a existência das realidades contidas nos textos pagãos, já que eram evidentes aos sentidos e à mente dos estudiosos (Vázquez, 1991). Quanto ao saber filosófico, Alexandria “[...] caracterizou-se por suas preferências filosóficas (optou pelo sistema platônico) e pelo método alegórico na interpretação das Sagradas Escrituras, herdado de Filon (30 a.C.-40 d.C.), que, por sua vez, aprendera dos gregos” (Saranyanna, 2006, p. 54).

O judeu Filon de Alexandria fora “[...] um dos criadores do neoplatonismo, e também um dos pensadores que mais contribuíram para a gênese do gnosticismo” (Ibid., p. 53); bem como inaugurou “[...] uma peculiar exegese alegórica do Antigo

Testamento, de elementos platônicos e estóicos, que viria a criar um clima característico em todas as demais escolas fundadas posteriormente em Alexandria” (Saranyanna, p. 53).

Em síntese, o sentido alegórico pretende revelar significados espirituais que ultrapassam o sentido meramente literal das palavras bíblicas, de tal forma que essa dimensão exegética visa à compreensão mais penetrante das Escrituras (Saranyanna, 2006).

O sentido alegórico, principal objetivo da exegese alexandrina, distingue-se do sentido literal, cultivado sobretudo em Antioquia. Este último é o que significa primariamente um texto da Escritura, e pode ser próprio (se segue o significado próprio das palavras); ou então impróprio ou figurado, embora querido diretamente pelo Autor sagrado (por exemplo, em Caná da Galiléia, o vinho significou propriamente o vinho para beber, embora figuradamente se referisse ao vinho como símbolo das riquezas messiânicas). O sentido alegórico, por sua vez, tem caráter espiritual ou místico, e oferece significados mais profundos do texto sagrado, que emergem quando se lê o Antigo Testamento à luz do Novo (por exemplo, a Arca de Noé como tipo da Igreja, o maná como tipo da Eucaristia, a túnica inconsútil como símbolo da unidade da Igreja, etc.) (Saranyana, 2006, p. 54).

Os cristãos letrados dos séculos II-IV, dentre os quais contavam em grande número ex-estudantes da escola alexandrina, interessavam-se pela solução do impasse oriundo do envolvimento entre a sabedoria cristã, cujas raízes remontam ao monoteísmo judaico e o conceito de povo escolhido, e a sabedoria pagã: caracterizada pelo culto aos deuses e pela valorização da palavra como máxima expressão do discurso racional. No âmbito, a controvérsia intelectual traduzia-se em uma defesa radical da fé (Letenski, 2019).

De fato, se os pensadores cristãos não justificassem com uma fundamentação racional segura as razões pelas quais professavam a fé, não haveria discussão filosófica autêntica, ou debate digno da atenção dos ilustres mestres da época. Então, a seu modo, o cristianismo é também entendido enquanto um conjunto de verdades racionalmente explicáveis e demonstráveis.

Na realidade, se os Padres queriam persuadir em favor da maior bondade da fé cristã, era necessário que se esprimissem num tipo de linguagem que fosse não apenas entendido com facilidade, mas acima de tudo apreciado, mesmo que com esse fim se tivesse que romper com os modelos estéticos de um estilo ático erudito. [...] era preciso bem falar para entender a verdade (Vasconcelos, 2018, p. 50).

Parte dos intelectuais cristãos expressavam certa prudência em relação à Retórica, embora a crítica dirigida a essa disciplina não alcançasse a mesma intensidade daquela direcionada à Filosofia. Esta última, compreendida como o exercício sistemático da razão e da investigação intelectual, representava uma ameaça significativa, exigindo análise atenta e abordagem cautelosa, diante das aparentes heresias que dela se originavam e frequentemente colocavam em dúvida as verdades absolutas da fé cristã (Melo, 2008).

Levando isso em consideração, o processo de incorporação da cultura clássica ao pensamento cristão não aconteceu de modo homogêneo, conforme se pode observar no intenso debate promovido pelos principais Padres da Igreja entre os séculos I e IV da Era Cristã (Melo, 2008). No entanto, o objetivo primordial dos pensadores cristãos era perceber nas obras dos influentes autores gregos uma espécie de movimento dialético entre o pensamento helênico tradicional e o novo pensamento recente, coisa que encaminharia ao diálogo sadio entre cristianismo e as filosofias helenísticas (Schiller, 2020).

É surpreendente que o conteúdo da didaskalia teológica seja ainda um estudo massivo da filosofia; Orígenes julgava bom fazer-nos estudar a filosofia, obrigando-nos a ler com toda a nossa energia todos os textos existentes dos antigos filósofos e poetas, sem rejeitar ou afastar nenhum, porque ainda não possuíamos a capacidade de julgá-los. Unicamente os ateus, que se excluem por si mesmos da teologia, e os epicuristas, que Orígenes considerava "a vergonha da filosofia", não eram lidos. Quanto ao resto, Orígenes incentivava a leitura sem manifestar preferência ou desprezo por nenhuma escola filosófica, grega ou bárbara. É surpreendente que para tornar-nos aptos para receber a palavra da verdade, um tão longo processo tenha sido julgado necessário e que a filosofia desempenhasse nesse processo a função pedagógica de tanta importância (Vázquez, 1991, p. 543).

Outro ponto destacável é que a Escola de Alexandria atribuiu relevância acentuada ao aprendizado da Filosofia e das ciências propedêuticas. Também eram ministradas naquela academia cristã a dialética e as ciências naturais, bem como a filosofia moral e todas as disciplinas que nas antigas ou novas filosofias poderiam suscitar benefícios ao discurso teológico (Vázquez, 1991). Por exemplo,

A certeza da dignidade filosófica da doutrina cristã que paira soberana sobre todo o discurso de Gregório lhe permitirá ao mesmo tempo entregar-se à dialética que ele apresenta como a gramática do espírito e, graças a ela, dedicar-se ao entusiasmo racional (*logikón thauma*) das ciências: a física, ensinada por Deus, a geometria e a astronomia, que Gregório denomina "sagradas" porque nos tornam o céu acessível (Vázquez, 1991, p. 544).

Fazendo uso de correntes filosóficas como o platonismo, o estoicismo e o aristotelismo os alexandrinos examinavam as mais variadas indagações racionais. Para o sucesso na argumentação em favor da fé, serviam-se frequentemente de filósofos como Orígenes, que lançou problemas pertinentes e “[...] organizou a primeira consolidação do pensamento cristão, foi porque seu mestre Clemente lhe ensinou que só poderia fazê-lo se usasse, como método e paradigma, a filosofia grega” (Lupi, 1994, p. 22).

Os *Stromata*, de Clemente, contêm um programa cultural que parece querer levar ao “estudo da natureza feito segundo a verdadeira gnose”. Estavam destinados aos filósofos gregos, para lhes mostrar que somente o gnosticismo cristão é verdadeiramente pio, serve-se da cultura e da língua deles e evita o mais possível se basear nas Escrituras (Moreschini, 2008, p. 109).

Ora, o mesmo Clemente de Alexandria recomendava abertamente a leitura e o estudo dos escritos de Platão, Xenofonte, Antístenes, e algumas doutrinas pitagóricas⁹. Assim, o estudo da Filosofia nas academias de Alexandria trouxe como consequência predominante o afastamento periódico da cosmovisão mitológica, “[...] no sentido de uma racionalização de todas as dimensões da existência e do pensamento, em que a Filosofia surge como manifestação suprema, particularmente no seu clímax platônico-aristotélico” (Vasconcelos, 2018, p. 36).

Clemente concorda com o medioplatonismo na avaliação das várias correntes da filosofia grega e, mais precisamente, exalta a contribuição do pensamento de Platão (Protr. 68,1-2; Strom. I 42,1; II 100,3) e de Pitágoras (Strom. V 29,3-4) e condena as outras filosofias: a de Epicuro, por seu ateísmo (Protr. 66,5; Strom. I 50,6 e II 16,3), a peripatética, que limita a divina providência ao mundo supralunar (Protr. 66,4; V 90,3), a estoica, por seu materialismo e o seu determinismo (Protr. 66,3; Strom. I 51,1; 189,1; 83,5; II 14,3; V 89,2; 89,3). Clemente, portanto, é propenso a interpretar a filosofia de Platão e a de Pitágoras num sentido religioso, porquanto os considera como os dois teólogos que possuíram em parte o verdadeiro conhecimento da divindade mais alta. Essa interpretação de Platão e de Pitágoras retoma a de Justino (Diál. 2,4,5.44), como a condenação de Epicuro (cf. Justino, Apol. I 28,1; II 7,3), de Aristóteles (Apol. I 28) e dos estoicos (Apol. I 20,3; II 7,3-4), de que falamos antes. Esse destaque religioso da filosofia platônica é comum a todos os medioplatônicos do século II, como Plutarco, Teão de Esmirna, Máximo de Tiro (Moreschini, 2008, p. 113-114).

⁹ Dessa forma, a leitura dos escritos pagãos foi, certamente, recomendada desde os inícios da consolidação cristã nas sociedades.

Com efeito, o distanciamento dos mitos, iniciado pelos cristãos alexandrinos, obteve como fruto a posse do que de melhor havia na paideia grega, até então em voga. Mas, ansioso por um sistema de conhecimento estruturado e sistemático, o decadente mundo antigo foi cedendo espaço a uma civilização cristã. Se, por um lado,

[...] os autores cristãos denunciavam e criticavam os sofistas, o seu estilo vão e particularmente as suas tendências menos religiosas, por outro lado, acabavam por recorrer aos mesmos subterfúgios literários. Esta aparente contradição tem, porém, uma explicação que a dirime, uma vez que não podemos ajuizar sobre os textos, e os discursos dos cristãos sem ter em conta os seus destinatários (Vasconcelos, 2018, p. 50).

Filósofos alexandrinos como Clemente e Orígenes formaram uma extensa linha de raciocínio na iniciativa de solidificar a doutrina cristã. Muitas vezes, os considerados fundadores da escola catequética “[...] procuraram um tipo de reflexão filosófica que, partindo da revelação bíblica, buscasse positivamente a verdade” (Vasconcelos, 2018, p. 44).

Além do mais, o método de interpretação alexandrino da Bíblia, “[...] primordialmente com Orígenes, procurou uma leitura racional dos vários sentidos bíblicos. [...] Orígenes é, ele próprio, paradigmático da relação entre paideia grega e o cristianismo” (Vasconcelos, 2018, p. 45).

Embora fosse cristão, Orígenes dispunha de uma visão helênica da realidade, inclusa a percepção sobre Deus e o sagrado. Ainda a respeito desse importante pensador, seu discípulo Gregório Taumaturgo esclarece a atenta escolha do aprendizado da filosofia na academia alexandrina (Harl, 1983):

Ele julgou que era bom para nós que estudássemos filosofia com sabedoria, de tal modo que pudéssemos ler com a maior das diligências tudo quanto se escrevera, não rejeitando nada (pois que, de facto, não tínhamos ainda a capacidade de discernir criticamente), exceto as produções dos ateus que, no seu pensamento, se afastavam da inteligência distinta do homem, negando a existência de Deus e da Providência (Gregór, 1969 *apud* Vasconcelos, 2018).

Por essa razão, em tese, até o IV século a filosofia cristã seguiu a perspectiva alexandrina, especialmente aquela apresentada por Orígenes. Como consequência, porque expuseram os fundamentos racionais da fé mediante diversos conceitos filosóficos próprios do helenismo pagão, os cristãos conseguiram superar algo rudimentar da sua estrutura (Harl, 1983).

A mesma escola catequética de Alexandria, como se pode apreender também pela descrição do ensinamento, de Orígenes, feita por seu aluno Gregório o Taumaturgo, tinha a marca que encontramos em Clemente; Gregório, com efeito, nos faz saber que Orígenes, em seu ensinamento, levava em consideração todas as escolas filosóficas gregas, exceto as declaradamente 'ateias', ou seja, a dos epicureus, e exceto alguns tratados peripatéticos e estoicos sobre a teologia. Também nesse âmbito, portanto, pode-se ver que as tendências da escola catequética de Alexandria são semelhantes às do medioplatonismo. Clemente e Orígenes aceitaram ou rejeitaram certas doutrinas gregas do mesmo modo como alguns expoentes do medioplatonismo (Moreschini, 2008, p. 113-114).

Aquilo que os gregos sabiam como conhecimentos auxiliares tais quais aritmética, geometria, música, gramática, retórica e astronomia, os cristãos aplicaram à própria filosofia em relação ao cristianismo (Harl, 1983).

Se a religião grega é fortemente criticada por Clemente, a teologia e a espiritualidade filosófica, porém, são por ele cristianizadas: isso acontece num nível muito mais alto e mais completo do que acontecia na apologética, cujo florescimento se situa nos anos da formação de Clemente [...] adapta o seu propósito a um público embebido de cultura grega, tranquilizando, contemporaneamente, os cristãos a respeito da legitimidade de possuir um alto nível de educação (Moreschini, 2008, p. 109-110).

Com vistas à reconciliação entre a *paideia grega* e o *cristianismo primitivo*, pode-se esclarecer que a atividade filosófica em Alexandria fora erguida como uma coerente resposta institucional da Igreja diante do mundo helénico. Quanto às características gerais e à relevância da Escola de Alexandria para a subsequente Filosofia Cristã, tem-se

Um decisivo avanço [...] dado pelos grandes professores da próspera escola catequista dos séculos II e III em Alexandria, Clemente (que morreu em 217) e Orígenes (184-254) não apenas forjaram a teologia cristã como ciência, mas também elaboraram uma hierarquia das ciências, na qual a teologia se encontra no seu ápice. Orígenes disse: "Se os filhos dos sábios universais da geometria, música, gramática, retórica e astronomia afirmam que são servos da filosofia podemos, assim, dizer o mesmo da filosofia em sua relação com a teologia" (Cf. Dawson, C. Op. cit., p. 66.) De forma conseqüente ele exige do teólogo que estude profundamente os escritos da antiga filosofia e seja justo na interpretação de todos. Em seus próprios ensinamentos Orígenes, de fato, também se ocupa com uma ampla integração, ampla demais para a Igreja, dos pensamentos cristãos e neoplatônicos (Storig, 2009, p. 183).

Ao abordarem a questão da existência de um fundamento racional para o cristianismo por meio da paideia grega, os cristãos de Alexandria tornavam mais fácil sua aceitação lógica entre os helenos. No ambiente cultural de Alexandria, essa

herança grega conferiu ao cristianismo um caráter universal: tamanho foi o legado cultural e espiritual destinado pela Escola de Alexandria aos homens de uma nova era, o século IV, a Idade de Ouro da Patrística (Jaeger, 2014).

Considerações Finais

Em síntese, o encontro entre a tradição filosófica grega e a teologia cristã na Alexandria dos séculos II e III constituiu um marco decisivo para a história do pensamento ocidental. Através da Escola Catequética, os cristãos articularam, com inteireza e rigor, uma fé não apenas revelada, como também compreendida e justificada à luz da razão. Este esforço gestou uma filosofia cristã que assumiu a função de pensar a verdade divina utilizando as sistemáticas do mundo helênico.

Ao adaptar categorias filosóficas à interpretação das Escrituras, autores como Clemente e Orígenes mostraram que a razão e o cristianismo não eram incompatíveis. Do contrário: a fé podia seguramente beneficiar-se da herança grega intelectual sem esquecer-se da sua identidade espiritual. Assim, a Escola Catequética de Alexandria terminou por estabelecer uma ponte entre duas cosmovisões da realidade que, inicialmente divergentes, acabaram por enriquecer uma à outra. Nascida dessa síntese, a paideia cristã assumiu uma nova atividade: formar não apenas o cidadão da pólis, mas o homem integral voltado também à pátria celeste.

Portanto, a experiência alexandrina é paradigmática de um modelo de educação e de reflexão teológica que permanece atual. Ao invés de optar por uma rejeição ou fruição irracional do pensamento pagão, os primeiros cristãos escolheram a via do discernimento. Em tal processo, afirmaram a superioridade da verdade cristã sem negligenciar os elementos valiosos do pensamento antigo. É este equilíbrio entre fé e razão que constitui um dos legados mais fecundos da filosofia cristã nascente, legado que continua a inspirar o diálogo entre culturas, crenças e conhecimentos.

Referências

CONSTANTINOPLA, Sócrates de. **História Eclesiástica 1**. Trad. Francisco Antonio García Romero. Madri: Ciudad Nueva, 2017.

FREITAS, Charles Lamartine de Sousa. A influência da concepção de educação grega na constituição histórica da paideia cristã. **Revista Filosofia e Educação**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 287-309, 2018.

GREGGERSEN, Gabriele. Paideia dos Pais da Igreja. **Revista Caminhando**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 71-84, 2005.

GRIPP, Bruno Salviano. Tradução do Discurso aos jovens, sobre como tirar proveito das letras gregas de Basílio de Cesareia: Translation of Basil of Caesarea's Address to the Young on the Usefulness of Greek Literature. **Revista Rónai**. Juiz de Fora, v. 7, n. 2, p. 69-91, 2019.

HARL, Marguerite. **Introduction a Origéne. Philocalie 1-20 sur les Écritures, Sources Chrétiennes**. Paris: Sources Chrétiennes, 1983.

JAEGER, Werner. **Cristianismo Primitivo e Paideia Grega**. Trad. Daniel da Costa. Santo André: Academia Cristã, 2014.

LETENSKI, Irineu. A Cultura Cristã e a Cultura Pagã na Perspectiva de Basílio Magno. **Revista Basiliade**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 53-67, 2019.

LUPI, João Eduardo Pinto Bastos. A escola de Alexandria como núcleo do Helenismo Cristão. **Revista de Ciências Humanas**, Santa Catarina, v. 11, n. 15, p. 11-23, 1994.

MORESCHINI, Claudio. **História da Filosofia Patrística**. São Paulo: Loyola, 2018.

SÁENZ, Alfredo. **História da Santa Igreja: a barca e as tempestades. Do nascimento da Igreja ao islamismo**. Rio de Janeiro: Centro Dom Bosco, 2020.

SARANYANA, Josep-Ignasi. **A filosofia medieval: das origens patrísticas à escola barroca**. Trad. Fernando Salles. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio", 2006.

SCHILLER, Soter. **São Basílio, o "Discurso aos Jovens" Cristianismo, cultura clássica, educação uma introdução**. Curitiba: FASBAM, 2021.

VÁZQUEZ, Ulpiano. Filosofia e Escritura na Primeira Escola Cristã. **Revista Síntese**, Belo Horizonte, v. 18 n. 55, p. 539-546, 1991.

Recebido: 09/04/2025
Aprovado: 06/06/2025